

A Construção do Saber Escolar - Nota de apresentação

José Alberto Correia
Manuel Jacinto Sarmento

O saber escolar constitui provavelmente uma das áreas centrais da reflexão contemporânea sobre a educação.

Em torno dos saberes escolares colocam-se múltiplas questões: Há um “**saber escolar**”? Como se declina o saber da escola na pluralidade das suas formulações e modos de contextualização? Nos termos clássicos de Durkheim, que saberes socialmente validados são reconhecidos para transmissão escolar às jovens gerações? Como se configuram as instâncias de produção, selecção, e (agora em termos bernsteinianos) recontextualização dos saberes? Que processos promovem a inclusão de determinados saberes e a exclusão de outros? Como se articulam os saberes com os conhecimentos, as competências e as práticas sociais e profissionais? E com os valores? E quais são os caminhos que vão da produção dos saberes à sua transmissão e desta à recepção nas escolas? Como se adquirem os saberes, qual é o trabalho que conduz à aprendizagem, que *ofícios* – dos alunos e dos professores – os saberes escolares exigem?

Todas estas questões, centrais nos debates das Ciências da Educação, não têm tido, porém, na sociedade portuguesa a devida relevância; uma certa hipostasia do processo de **construção** remete os saberes escolares para a ordem do “natural”, como se os saberes que a escola comunica fossem o processo directo de transformação do conhecimento científico em fórmulas didacticamente disponíveis para a aprendizagem dos alunos.

O presente número da **Investigar em Educação** – que sai com um considerável atraso, face às dificuldades insuspeitadas que os organizadores encontraram, pese toda a diligência da direcção e dos serviços da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – procura contribuir para responder a estas questões e para promover o balanço da produção científica portuguesa no campo. Seria excessivamente ambicioso, porém, pensar-se que um simples número de revista poderia realizar plenamente este objectivo.

Nesse sentido, a organização do número procurou encontrar algumas linhas indiciadoras das respostas, reportadas a objectivos e eixos de análise bem definidos.

Assim, a habitual revisão da produção científica portuguesa sobre o tema concretiza-se no primeiro artigo, encomendado a Cristina Rocha e Manuela Ferreira e intitulado **As crianças na escola e a reconstituição do seu ofício como alunos/as – análise da produção académica nacional (1995-2005): campos disciplinares, instituições e temáticas. Comparências, ausências e prelúdios**, onde se procede ao levantamento da produção académica de teses de Doutoramento e dissertações de Mestrado realizada nas Universidades Portuguesas. Nessas teses e dissertações, em todos os domínios do conhecimento, e, em especial, nas que integram o corpus das Ciências da Educação, concretizam-se concepções de criança e de aluno que são determinantes na configuração e interpretação dos modos de transmissão do saber.. Neste artigo trabalha-se, portanto, sobre dois tipos de saberes inter-relacionados: os saberes académicos, produzidos no âmbito de investigação em programas de formação pós-graduada, e os saberes apreendidos pelas crianças, enquanto conteúdos realizados no âmbito da sua elaboração como “membros” do ofício de aluno.

O carácter paradoxal da “ausência” da voz criança na investigação pós-graduada em Portugal, designadamente na que se centra na educação e na escola e a que é realizada no interior das Ciências da Educação, é devidamente equacionada pelas autoras, que, não obstante, assinalam “uma mudança paradigmática em curso”, em investigações que reconsideram “as crianças alunas a partir de si próprias”, colocando em destaque modos de construção do “ofício de alunos”, de produção das aprendizagens e de relação com os saberes formais e informais.

O eixo de análise sobre a perspectiva epistemológica na construção dos saberes escolares – relações entre a produção e a difusão do conhecimento científico e a sua transformação em saberes escolares; debates epistemológicos contemporâneos e as suas incidências nos currícula das escolas; perspectivas epistemológicas diferenciadas e implicações na “forma”, nos conteúdos escolares e nos métodos escolares - é alargadamente trabalhado no texto de Bernard Charlot. Este é, igualmente, um trabalho encomendado ao conhecido sociólogo da educação franco-brasileiro, autor que desde há anos tem dedicado parte importante da sua obra à análise dos saberes escolares, especialmente em meio popular, e que lidera, nos espaços francófono e lusófono, a investigação epistemológica, sócio-antropológica e pedagógica sobre relações de cognição e aprendizagem em contexto escolar de populações com capitais culturais e simbólicos diferenciados. No seu artigo, intitulado **O processo de escolarização e desescolarização do saber: abordagens epistemológica e antropológica**, Bernard Charlot discute a questão da escolarização dos saberes, considerando as relações sociopolíticas, institucionais, pedagógicas ou pessoais que no seu interior se estabelecem e que o aluno com eles constrói. Considerando os diferentes círculos de

inserção societal dos alunos e os diferentes modos de relação com os saberes, o autor coloca sob crítica a concepção unidimensional da forma escolar hegemónica, propondo modos diferenciados de desenvolvimento do processo de ensino e de construção da relação aprendente com os saberes escolares.

Estes dois primeiros artigos constituem, no seu conjunto e no ângulo de visão diferenciado que adoptam - o primeiro, a produção de saberes sobre as aprendizagens; o segundo, as dimensões epistemológicas e pedagógicas patentes na relação com os saberes na aprendizagem - um contributo para a definição de uma matriz interpretativa sobre a construção dos saberes escolares.

Dando conta de investigações de campo, um conjunto de outros artigos sinaliza vários outros eixos de análise da construção dos saberes escolares.

No eixo sobre a construção política dos saberes escolares - que inclui as instâncias de regulação, selecção de saberes e desenvolvimento dos curricula, as hierarquias do conhecimento e as disputas pela inclusão e reconhecimento dos saberes, a historicidade dos processos políticos de inclusão e exclusão de áreas do conhecimento, as teorias, conteúdos e saberes escolares - inclui-se um artigo.

No artigo incluído, analisam-se os programas de uma disciplina para identificar pontos de clivagem entre a definição normativa de objectivos, conteúdos e orientações e a sua aplicação concreta em sala de aula. No seu artigo, intitulado **Dos Saberes Programados aos Saberes Apreendidos: A Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico**, Fernanda Maria Veiga Gomes analisa as articulações entre saberes disciplinares e finalidades da política educativa, demonstrando o primado destas sobre aqueles. No entanto, os resultados apurados da

investigação levam a autora a concluir existir um “enorme desfasamento entre as intenções dos programas e as práticas de ensino e de aprendizagem implementadas, na realidade da escola e na aula de geografia”. Entre os saberes científicos, as finalidades políticas com expressão nos currícula e programas e as práticas de ensino e aprendizagem existem contradições e clivagens, cuja análise é fulcral na definição de políticas curriculares atentas às suas consequências e com incidência na definição de programas, na formação de professores e nas metodologias de ensino e aprendizagem.

No eixo de análise da construção social da produção, transmissão e aquisição social dos saberes - que inclui temáticas como saberes, cultura escolar e multiculturalidade; relações entre culturas da infância, culturas juvenis e cultura escolar; instâncias de mediação e processos de aprendizagem; sociologia do conhecimento e suas relações com a sociologia do currículo; relações entre conhecimento, formação e trabalho – foram seleccionados três artigos.

No primeiro deles, intitulado **A experiência social e escolar dos jovens do Ensino Secundário: contributos de um estudo sociológico**, a autora, Maria Cecília Pereira dos Santos, enquadra a experiência de aprendizagem no quadro das políticas educativas de orientação neo-liberal, mostrando como a construção das subjectividades discentes resulta da combinação de estratégias de integração na cultura escolar e de sobrevivência ante os processos de selecção e exclusão dos percursos escolares. Os saberes aprendidos na escola são, assim, experiencialmente apreendidos e emocionalmente sofridos, desdobrando-se em dois tipos: saberes curriculares, filtrados pela especificidade da relação com os conteúdos de ensino; saberes funcionais, realizados na construção biográfica da sobrevivência escolar, em ligação tensa com os conteúdos simbólicos das subculturas juvenis.

Noutro artigo, é ainda da experiência subjectiva da aquisição dos saberes que se fala. Henrique Vaz, no artigo intitulado **Formação de Actores/Actrizes; articulação entre o campo da produção do saber e a construção identitária do sujeito**, identifica os processos de identificação e subjectivação dos aprendizes, considerando o objectivo de construir actores (no duplo sentido, sociológico e dramaturgico) caracterizados pela autonomia, originalidade, criatividade, etc. Este desafio reflecte-se num trabalho docente onde a questão do poder na relação pedagógica se torna essencial. A imprevisibilidade, a adequação casuística do planeamento, a flexibilidade exprimem-se numa relação com os saberes onde a mediação da relação interpessoal assume especial relevância. A experiência específica da formação de actores/actrizes, ou mais genericamente, da formação no âmbito da arte dos espectáculos, parece permitir prolongar a reflexão sobre a pedagogia da autonomia para outros domínios áreas de educação/formação, relevando as dimensões intersubjectivas, identitárias e sócio-emocionais da transmissão e aquisição dos saberes escolares e profissionais.

Finalmente, Maria do Carmo Vieira da Silva traz-nos no seu artigo **Diversidade Cultural na Escola: Descontinuidades Culturais dos Alunos e Construção do Saber Escolar** uma revisão da investigação sócio-antropológica sobre a educação em contextos sócio-culturais diferenciados, especialmente no âmbito da educação de crianças em situação de e(i)migração, realçando aspectos centrais na gestão da relação entre saberes e culturas, nomeadamente: as normas relativas ao tempo, as dificuldades linguísticas, os estilos de aprendizagem, e a questão simbólica e política da desvalorização cultural.

No eixo de análise de construção dos saberes e didáctica – que inclui dimensões como literacia e processos de ensino-aprendizagem; o desenvolvimento das aprendizagens e suas relações com a estruturação e sequencialização dos conteúdos escolares; os manuais e materiais escolares e a configuração dos saberes, do ensino e da aprendizagem – inclui-se o artigo de Conceição Courela e Margarida César, intitulado **Literacias e construção de conhecimentos académicos em educação formal de adultos**. As autoras apresentam os resultados de uma investigação-acção e dos trabalhos complementares de follow-up, que levou à construção uma proposta curricular de ecoliteracia, em educação de adultos. Neste estudo demonstra-se como o envolvimento crítico e a participação activa dos “aprendentes” se tornam funcionais na relação sucedida com os saberes formais.

A construção (elaboração, recontextualização, transmissão, difusão, aquisição...) dos saberes escolares é, quase por definição, aquilo que se faz nas escolas. Um número de revista não pode dar conta de tudo o que a escola faz... Nem, tão pouco, do que se sabe acerca daquilo que a escola faz. Mas este número indicia, certamente, alguns dos eixos e algumas das linhas do que sobre isso se sabe. Compete à comunidade científica e profissional das Ciências da Educação desenvolver o conhecimento em torno desses eixos e dessas linhas. Para que, a escola seja, verdadeiramente, esse lugar da construção de uma relação sucedida com o saber.